

ANEXOS¹:

1. A bengala de Gilberto Freyre (de Recife) - *A Imprensa*, Natal, 14 mar. 1924

Gilberto Freyre possui duas coisas absolutamente originais e próprias – o estilo e a bengala.

Para a primeira bastará ler o numerário amoedado semanalmente no “Diário” e que por aí anda reluzindo ousadia, faulhando audácia. Na Segunda, requer-se demora no olhar distraído. Em caso outro, passará despercebido e rotuladamente banal.

Pensava em que ela fosse alto bastão de ébano, cabo de Limoges com pastorinhas de Watteau e idílios de Lancret, Bengala de mando no mundo luminoso e fútil. Tipo Brummel. Bengala estreita e fina, lúzida e negra, destas que aparecem zurzindo burgueses e relvas, nas mãos esguias de Musset. Lembrei-me do horrendo tubo de cristal onde Balzac amontoava as madeixas de suas admiradoras.

Nada disto ainda. Nem o nodoso cacete apoiador dos passos trêmulos de Ibsen, nem o bambu, o espiralado e vulgar bambu, *avec promme d’or* dos velhos fidalgos de Júlio Dantas.

É um *stick* fino, delgado, flexível, sibilante, redemoinha e zumba nos dedos afilados de Gilberto Freyre. Em sua mão completa pelo gesto vivo, é um acento ao sutil e perene sorrir de ironia. Arrancaram duma selva despenteada e bravia esta rama sinuosa, dúctil, vagamente amarela, cheia de asperidades e falhas, encimada pela alvura da prata que encarapaça de branco.

É uma chibata de antigo mestre escola, cipó, tangedor de manada afeita ao descanso das demoras, vara afiada de guieiro moço desabitado ao passo remorado e lardo do rebanho balidor.

Entretanto é bengala comum e apta a qualquer Darlington provinciano. Entre outras que a moda multiplica e consagra, desaparecerá de certo, sem o rumor de uma revolta.

¹ Referentes aos artigos: “A moderna ocasião: posicionamentos cascudianos no início do século XX” (ARAÚJO) e “Aspectos da ação intelectual de Câmara Cascudo nos anos de 1920” (FERREIRA).

De mim, creio firmemente, expressionar melhor o “modo” estético de Gilberto Freyre esta bengala, filha transviada do gueri ancestralmente pundonoroso, do guatambu mestre de moral privada, que as crônicas e artigos publicados.

Original e mais rebelde é sua atitude sibilante e matreira que as “costeletas” que lhe dão o ar de um toureno-clubmar.

Nem a sua estóica serenidade encafuada dentro de um paletó de três dedos de largo sob 38 à sombra, nem mesmo o torvelinho atordoador das citações inglesas que apavoram os crentes do conspícuo Candido de Figueiredo, trouxeram a nota de simplicidade renovadora e consciente, que a sua coragem de usar tal vareta amareladamente invulgar.

Gilberto Freyre é um espírito ávido de evolução incessante. Sua cultura acentuadamente refletiva acelera-se num ritmo aceso e vivo de alta tensão anímica. Seu método de ler justifica Tzara quando diz que o melhor método é não possuir nenhum. Na babel de sua mesa de trabalho há um livro de Wilde, versos de Browning, desenhos de Beardsley, retratos e watts, um volume de Leforge, um pedaço de pia batismal de Iguarassu, marfins, folhetos, sabres de Samurais e uma aterradora espada cavalheiresca. Entretanto cada objeto oportunamente aparece e diz a razão de seu lugar. Esta disciplina no aparente arritmismo da “garçoniere” traduz o efeito seguramente pictorial na prosa de Gilberto Freyre. Nada ilude mais que este simulacro de despreocupação estilística. É, antes de frívolo e já visto, o resultado de um esforço que realiza sua natureza, como desejava Wilde.

A bengala segue de perto o dono. Diz no assimetrismo de sua nervura vegetal e segura possança de seu conteúdo. Volutas, arabescos, curvas fechadas, nodosidades, vem no minuto necessário da prova, gritar a razão absoluta de ser assim.

Não se acusará Gilberto Freyre de grafar seu pensamento com a tinta de estilo alheio. Bengala e estilo fê-los ele próprio.

E se Afrânio Peixoto justificou a possibilidade de Euclides da Cunha haver escrito com um cipó, custará muito dizer que Gilberto Freyre escreve com a bengala?...

2. A noite em Natal –

A Imprensa, Natal, 11 maio 1924

Dispensa comentário. Basta anunciar. Natal à noite. Estamos vendo uma cidade quieta, como se aprendesse o movimento com as múmias faraônicas. Sob a luz (quando há) das lâmpadas amarelas arrastam meia dúzia de criaturas magras, uma “pose” melancólica de Byrons papa-gerimuns.

Depois, um “film” no Royal ou Rio Branco ou poker sonolento do Natal-Club.

Estive uns tempos inquirindo de como alguns amigos meus passavam as primeiras horas da noite. As respostas ficam todas catalogadas em três classes. Indolência. Ficam em casa e tentam ler. Saem e não havendo (desde que morreu Parrudo) nada de novo entre nós, deixam-se ficar modorrando numa praça silenciosa. Instinto de elegância. Natal-Club. Aí está como vive a noite um rapaz nesta terra de vates e de enchentes.

Não possuímos o instinto do “saloon”, do ambiente do ajuntamento. Em 1888 Paula Ney afirmava que os brasileiros só se reuniam em caso de briga. Deve ser verdade. Das quinze ou vinte sociedades literárias, dançantes, e operárias que existem por aqui duas abrem o que se convencionou chamar “os seus salões”.

O hábito de palestra não é brasileiro. Nós discutimos. Somos discursófilos. Não sendo o nosso forte as leituras dos assuntos em controvérsia, pomos a razão na força do berro.

Adhemar Vidal registrou a primeira observação, Gilberto Freyre a segunda. Chamou-a Stentormania. É, talvez, esta a maior affastante das nossas conversas. Índole calma e estranhamente irritável, perdemos o “aplomb” logo às contestações iniciais. A fórmula do brasileiro [ilegível] – é simples e peremptório. Sábia ou nulo. Nunca dispomos de um elogio para quem discordamos. O brasileiro só está de acordo quando ouve ou narra anedotas.

É lógico não estamos sempre nos vezos de contar histórias jocosas. Daí o afastamento. Quem sair de casa leve obrigatoriamente uma novidade. Se não, não, como diria o velho fidalgo português.

Entre os natalenses as novidades rareiam. Substituíram-nas pelo “ouvi-dizer”, “estão dizendo por aí” e quejando.

Aqueles, pó higiene moral imunes de tal vício, ficam em casa ou jogam o displicente poker no Natal-Club. E penso que só!...

3. Dr. Manoel Dantas -

A Imprensa, Natal, 18 jun. 1924

A homenagem da Maçonaria ao seu benemérito associado – A sessão fúnebre da Loja “21 de março”. – A oração de Luís da Câmara Cascudo – Notas.

Sr. Dr. Governador do Estado
Irmão Delegado
Minhas Senhoras
Meus Senhores
Prezados Irmãos

A maçonaria norte-rio-grandense homenageia pela voz deste seu mal escolhido orador um daqueles vencedores da morte que no verso camoniano *se vão da lei da morte libertando...*

Tão alto é este termo do poeta que séculos antes S. Paulo interrogava se a morte tinha poderio sobre certas estruturas mentais.

É esta a única, a verdadeira consagração. Sai de todos nós, do povo. O Estado reflete somente o clamor ambiente. A lembrança mais viva é aquela que circula no ritmo do sangue sem estátua, sem mármore, sem bronze.

Melhor expressão para a saudade não existe senão em nossa curiosidade de procurar o morto nos lugares por ele frequentado. E às vezes sojigamos o ímpeto de perguntar se ele apareceu fazendo o jornal ou semeando anedotas.

Manoel Dantas era a síntese do povo. Sertanejo, praciiano, geógrafo e matuto, advogado e um vivo anedotário, jornalista mestre pela capacidade de trabalho, fingia receber lições de qualquer um.

Sáira do Sertão. Não este Sertão cinematografado em “pose” de vilegiatura verânica. Não este Sertão de usos citadinos, mas o sertão autêntico, o sertão de pedra.

O meio físico atuando sobre sua formação anímica asselou-a com os traços de sua face eterna. É um ambiente dantesco. As serras se erguem despertas e mudas como se o combate geológico as fraturasse subterraneamente. A vista que [ilegível] encontra além do tênue vestido dos capins verdes, da ondulação ciciante do panasco, aquela outra vegetação de pedra, abrupta, angulosa, irrompendo do seio da terra como exclamações de pavor a epopeia titânica das secas.

Deste ambiente ressurgem o Hércules. – Quasimodo euclidiano. Trouxe a síntese da força latente, da resistência espiritual. Consegue reunir a extrema sensibilidade e fereza extrema. E quando a grande alma sertaneja se expressa num tipo de sua criação e legitimidade – é o cantador, aedo da viola rústica enfeitada de fitas ou vaqueiro, campeão da marroeiros ariscos no mundo intrincado das carrascais e xiquexiques.

A outra face desta terra é pelo inverno. À primeira [ilegível] de chuva o solo reverdece e há um milagre sereno, como diria o Padre Vieira, confusão verde. A água desce cortando espelho movente e claro, num reflexo de prata pelo tapete das várzeas.

Neste hiato ao ciclo climatérico o sertanejo retempera o aço de sua vitalidade para o próximo combate. E a sua vida não é que um rápido resfolegar no intervalo das pelejas.

Este é o meio, este é o cadinho onde se forma a sub-raça dos homens de bronze, guerreiros dos elementos, semeando a braço forte a civilização e a ideia do mundo no inferno verde da Amazônia.

De tal seio surgiu Manoel Dantas. Fiel à terra imensa e rude foi ente nós a grande voz do sertão.

Este porto de incidência entre o sertão e o litoral merece realce. Durante três dezenas de anos Manoel Dantas conservou-se no vértice deste triângulo. Um dos lados desmesurava a orla dos litorais com o rosário de cidades e do outro o infinito das pradarias sertanejas.

O papel social, o político devia ser custoso a outro. A ele era a própria atmosfera. Desta forma a onda sonora encontrava-o para transmiti-la variando, prudente e sereno, o curso e a impetuosidade.

Foi seu magistério, conselheiro privado do Sertão. Conselheiro sem palavras, mas em gestos, na eloquência das atitudes. Nele se consubstanciava o ímpeto do vaqueiro e a prudência calculada do cantador.

Através de longa estada na “praça” Manoel Dantas manteve-se sertanejo. Era-o na linguagem desataviada e franca, na gesticulação natural e pouco cerimoniosa, no certo de contar anedotas.

Todos nós nos acostumamos à sua figura. Era como um ornato indispensável às festas. Antecipando a sua chegada, a indefectível fotografia, tão regular, tão natural, tão sua e inerente ao seu hábito que, julgamos possível, vê-lo ressurgir vivo e são, na tarde do seu enterramento, para bater mais um chapa fotográfica.

E perguntávamos como uma criatura viajada e lida, conhecendo sumidades, tendo sua terra n'alma e na inteligência, pudesse conservar a simplicidade ancestral dos seus maiores.

Não há um de nós que não recorde a sua voz tantas vezes ecoada no brilho das festas maçônicas. Sob estas abóbadas ouvimo-la soar saudando a bandeira, estímulo, alegria, mocidade poderosa naqueles dois olhos de eterno rapaz engraçado...

Recordamos essa vida feita de calma e bondade. Aquela voz de mestre sem palmatória, de político sem vingança, de douto sem orgulho. Lembramos o tique verbal dos tácitos entremeados na conversação, a deselegância de andar, o piso forte, pausado, regular; o conselho meio riso meio seriedade que se orlava nos lábios finos num sorriso de irmão mais velho.

Esta síntese de apuro intelectual e desleixo e esquecimento pelo “modernismo” era uma fidelidade ao Sertão.

Sempre o senti vestido mentalmente de vaqueiro. Ele nada mais foi de que um vaqueiro de ideias.

Nunca pode fazer um estudo regular, metódico, seguro de qualquer coisa. Manoel Dantas bibliófilo e possuidor de cinco mil volumes lia às carreiras, no bonde, no trem, entre a “prosa” no jornal... Menos por si do que pelos seus encargos conservou um gazeteiro de ideias. Feriava-as sempre.

Entretanto o jornal seria feito sempre por si todas as vezes que desejava. Ia do artigo de fundo ao suelto leve, da crítica à notícia, rápido oportuno, incisivo. Aprendia as ideias de relance, num voo d'imaginação, numa presciência.

Quando todos nós esperamos que a ideia venha carregada pela leitura, Manoel Dantas buscava-a num lance arrojado, num minuto de afoiteza que bem condizia com ele, neto de vaqueiro, os gladiadores do sertão hirsuto e bravo.

Sob aquela aparência de descanso, de tranquilidade, de andar igual pelo mesmo caminho, se escondia imaginação altíssima, romantismo, esperança, todas as virtudes que pensamos existir nos patriotas verbais.

Entre os de seu tempo nenhum, por mais idealista, concebeu uma cidade ideal substituindo esta em que vivemos. Viu-a Manoel Dantas, Ali-Babá cheio de pausa e lento entusiasmo. E foi quem reputávamos o menos idealista dos patrícios donde partiu o gesto mágico, a palavra de encanto para fazer surgir em Natal fantástica, iluminada a milhões de lâmpadas, cidade de ouro, imensa, toda clara, mármore branco de Pentelico, e em volta, o Potengy fazia a lenta ronda meiga com seu dorso d'esmeralda.

Natal daqui a cincoenta anos é uma página de fé. Nele, se pretendêssemos tirar o melhor de sua esperança, como Pero Vaz de Caminha para a terra moça do Brasil – *dar-se-há nelle tudo*.

Manoel Dantas geógrafo era-o na acepção real e ladina do vocábulo. Conhecia a terra a ele. O esboço coreográfico sobre o Rio Grande do Norte completa uma fase em meu espírito. Em 1918, firmando o que de alto e nobre queria Manoel Dantas ao nosso Estado escrevia-me.

“Os que estudam e amam a nossa terra hão de fazer conhecida com a segurança que possuímos dela não reçar confrontos”.

Outro dirá melhor do político. Só desejo e *desta glória só fico contente* dizer daqui, nesta festa de saudade, que Manoel Dantas se foi político não era da política brasileira.

Morreu sem um inimigo.

Isso não quer dizer nada de bem. Um homem que sai da linha comum dos homens, sobe um pouco, o Sol deve iluminá-lo com mais brilho por que ele fica mais próximo do sol. O mau olhar dos outros deve ser obrigatório. Homem sem inimigos, sem contestações, sem divergência é uma entidade moderna, sem equivalente na escola zoológica. E Dante assim entendia. Lá está no canto 3 uma multidão que chora obrigada a viver sob um ar sem estrelas e alívio. A esta gente pergunta o Florentino.

*Ó mestre que ouço agora?
Quem são esses que a dor está prostrando?
Desse misero modo-tornou-chora
Quem viveu sem jamais ter merecido
Num louvor nem censura infamadora*

Manoel Dantas teve inimigos e não poucos. Havia para si a superioridade de sabê-los vencer sem zangas. Por mais que o adversário multiplicasse os golpes, tinha de si um contendor sereno. E de mãos crispadas caía, naturalmente, o florete ante a invulnerabilidade tranquila do inimigo.

No segredo desta força reside a base de sua Vitória. O primeiro que Manoel Dantas venceu foi ele mesmo. Foi sempre o primeiro na estacada, na liça, na hora vermelha da luta. Depois silenciava. Estava esperando que chegasse o outro momento de ser útil.

Abnegação! Eis o lema deste querido que a Morte ainda julga ter pedido levar de nosso pensamento.

Se uma criatura falível e feita de humos da terra pudesse viver na casa cristal, essa seria Manoel Dantas. Nós sabíamos os seus trabalhos, hábitos, o encargo de suas horas, os seus minutos de lazer e onde empregava o dia trabalhando.

Podemos indicar, dada a hora, onde ele seria encontrado. Vencedor de si mesmo deu-nos ainda, a todos nós que amamos a inteligência, a floração magnífica de seus filhos, armados pela cultura e pelo exemplo para a mais nobre e linda Vitória no mundo.

Completo a vida. Deixou filhos, livros e plantou árvores. Creio mesmo que fosse ele a mais digna Expressão de vida cultural e honesta, da força de terra que o formara, erguera e vinha alimentando como exemplo, louvor e prêmio de sua fecundidade.

Faz-se mister lembrar os dois conselhos. O de Bossnet dizendo que a verdade é devida aos mortos; o de Machado de Assis explicando que dizer bem dos mortos é uma forma de orar por eles.

Se dissemos a verdade elogiamos o nosso ex-venerável. Oração? Seríamos dignos de orar por ele? Se este nos deu o caminho sereno da conduta, o riso tranquilo no meio da luta, a esperança entre trovões e tempestades de ódio mesquinho e rastejador, se algo merece não é a nossa oblata – é a saudade.

Eu sei o que perdi. Calou-se umas das raras vozes que ainda possui na minha defesa quando mordido. Silenciou, para mim e para o Estado, um de seus mais devotados e leais filhos. Para a Maçonaria finou-se o irmão modelar, seguro, denodado, ativo, cheio de bem e de amor para com os outros.

Para o Sertão, melhor ele sentirá a ausência daquele que o defendia.

A Maçonaria Norte-Rio-Grandense presta a memória altíssima de Manoel Dantas, a cerimônia de sua saudade. Que ela viva sempre diante de nossos olhos, que nos estimule na estrada que pisamos, que nos momentos de abandono e tristeza possa erguer-se na nossa alma a voz que emudeceu e sempre ouviremos, dizendo, como tantas vezes disse, a palavra de carinho, de confiança e de coragem.

4. “La amada infiel” -

A Imprensa, Natal, 25 jun. 1924

Este livro de versos românticos e antiromânticos, *primer y ultimo pecado lirico del autor*, é um brochurita curiosa e bem pegando à leitura. O cotejo com os “novíssimos” no Brasil daria interessantes resultados. Entre nós parnasianismo agarrou-se como uma rêmora ao costado das rimas. Vive a lírica como viveria Ramsés ligado a uma pilha elétrica-galvanizada.

A cultura anda lentamente para estas terras do Norte. Há tempos um meu amigo e poeta assombrou-se com Heredia. Encontrou-se nele. Era seu mestre invisível e ancestral.

Pelo Nordeste o scepto é preso nos dedos defuntos de Lecont... através dos longínquos e péssimos seguidores. Verlaine está surgindo com o ar medroso dum candidato a exame parcelado. Deus me defenda de citar Blaise Cendras, Appolinaire, Greggh, Ramain, James, Khan e mais divindades em voga. Do Maranhão vêm-nos uns títulos curiosos de “Nau que vai a vela”, “chama azul”, “Quando o Inverno passou” livros de versos que se não forem bons serão novos. Mas, isto não vem aqui e naturalmente não irei lá. De trinta livros de versos que recebo, vinte e nove são rimados e noventa e nove trazem sonetos.

O senhor Nicolas Olivari o poeta argentino de *Amada infiel* é um exemplo que eu desejaria ver seguido entre nós.

A maior necessidade de quem tenha a obrigação de escrever registros de livros poéticos é tentar diminuir o lirismo dissolvente, o estrondo inútil, a cópia vulgar e banalíssima, o medo do hemistíquio, a prisão de rima que estão pulando no verso brasileiro.

O resultado é este versejar descolorido, unipessoal, decalcado de moldes faraônicos, servil, chocho, monótono.

Precisamos uma missão profilática para este ambiente de pegajosidades e marasmo senil. Urge uma série tonificador de chicotadas nas [ilegível] e inexplicavelmente vagarosas de Pégaso.

Necessitamos dum outro ar, mais nossa época, vida influência, geração.

Aspiramos uns meros livrecos bolorentos de “chefs d`or”, de parnasiano, de lírico, de tal escola, quando o imperativo categórico é sorver largamente o que Nicolas Olivari diz ser o *selvage olor a trópicos y a solos*.

Neste *Amada infiel*, que o autor se lembra de mandar-mo, encontro muito de bem e de mal que podem caracterizar um anseio de nova estética. É sempre encantador ter-se entre os dedos um pulso vivo, agitado, nervoso, palpitando de sangue quente, generoso e rubro.

Já é tempo de darmos traços próprios à móbil fisionomia de nossa literatura.

Quando se lê uma pequena recolta de versos, como esta do sr. Nicolas Olivari é que vemos o desmesurado da inércia patrícia. Inércia, por que trabalho copiado é ausência de esforço criador e só merece palmatória e vara de marmeleiro.

Diante das escolas ainda pedimos selo para as inspirações. Banal dizer de mestre Comte sobre o poder dos mortos sobre os vivos não tem aplicação nas escolas literárias. A última morreu. Papini já escreveu o epitáfio. O meu grito aos meus (os que têm talento porque os outros podem continuar a remoer as folhas secas da árvore derrubada) é por eles que devem, como o sr. Nicolas Olivari, dizer as palavras dos Mestres que respeitamos, e como tal, reverência à distância.

*...estoy a tus pies arepellido
por el crimen sim paz de amarte
(tanto)*

E só.

5. Bric-à-Brac -***A República, Natal, 11 ago. 1927***

Na remodelação de Natal uma coisa está me preocupando. Vez por outra tento esquecer. Ando pensando noutros teminhas daqui mesmo. Um verso lustroso, ora uma pilheria estilo formiga sarçará, um dito ao jeito de maribondos chapéu ou uma intriguinha, luzente e rastejante como surucucu tapete, divertem-me.

Mas volto a pensar no caso. Que destino terão as mangabeiras? Quanto tempo elas, imóveis e lindas, durarão? Para mim, já sinto saudade. Ando-lhes perto como se pisasse sepulcros. Disseram-me que estão condenadas ao machado. E o *ficus-benjamin*, aparadinho e pimpão, prepara-se para substituí-las. Já não quero recordar a guerra que se fez a todas as nossas árvores tradicionais. As grandes gameleiras da “Silva Jardim”, a tatajubeira da “Frei Miguelinho”, a cajazeira da praça “Thomaz de Araújo”, caíram, uma por uma, para “embelezar” Natal. Ainda se permite a pseudo arborização à “ficus” numa “Tavares de Lyra” ou praçuela doméstica e recatada como a “Padre João Maria”. Nas avenidas do Tyrol e Petrópolis, somente árvores de sombra e de vulto, bem amplas, desganhadas e acolhedoras, merecem hospedagem e trato. Tudo que é lógico (não a lógica de Stuart Mill nem o mata-borrão Aristóteles) ensina a permanência da árvore de sombra na terra tropical do sol a pino. Em muitas avenidas andar-se-ão longos trechos no carinho doce das sombras. Com o clima, a poeira fina e diluída, o mormaço enervante e abafador, as raras *mínimas* a 20 ou 22 graus, as longas tardes incendidas e esbraseadas, as linhas da velha arborização [trecho ilegível] do serviço contínuo, inalterável e seguro, de paz, de úmida e doce guarida momentânea. Nós devemos conservar as árvores úteis. Demos que se plantem os custosos e ornamentais *ficus à la garçonne*, bonitinhos e sérios como um discurso. O europeu tem feito o mesmo. E se não o fizesse não era razão para imitarmos-lo no despautério. Berlim mantém a infinda Unter den Linden com árvores eretas e abrigadoras. Os parques, tranquilos e recolhidos, lugares onde, no meio de uma cidade convulsa, inda se pode fumar um charuto e ler calmamente, enxameiam por toda parte. Nenhuma folha se diminui no Bois de Boulogne como nenhum arbusto consentirá o inglês que se arranque n’algum Kensington Gardens londrino. O americano conserva o amor nórdico às árvores de sombra. Os “parques-nacionais” constituem realce e, n’algumas vezes, o reclame estridente *best of world* como o de Yellowtown, imenso e amplo, com vastas matas e

vulcões d'água quente. A mentalidade reacionária dos velhos cariocas era inteiramente pelos parques e ruas arborizadas a sério. Inda hoje o Rio possui ruas assim. E parques e quintas.

Para o Sul e para o Norte quem quer embelezar derruba árvores. S. Paulo é o protótipo do mata-pau. Mas a reação está surgindo. Para o Norte, Victória com o seu parque “Moscoso”, Bahia com o seu “2 de julho”, Maceió com o “Sinimbú”, “Recife... (não sei se escapou alguma árvore) Parahyba com o “Arruda Camara”, delicioso e evocador, lembram a continuidade do uso que Natal não esqueceu com o “Augusto Severo”, de árvores fortes e sombras macias.

A função da árvore na rua não é meramente o elemento decorativo. É, e sobretudo, um fator de beleza plástica e coerente à tradição. É um ambiente natural de defesa à claridade vibrante das primeiras e meias horas diurnas. O “ficus”, com a palmeira-anã ou a bananeira de leque (*we have no bananas!*) constitui um brinquedo vegetal quase saído de Nuremberg para ficar, paradinho e chibante, onde não possa estar uma árvore de verdade. Porque o “ficus” está para árvore assim como um desses *baby-boy* sambadores do “charleston” está para um sertanejo calejado nas mãos e útil no esforço cotidiano. O “ficus” é coisa que se saísse e andasse não ia para a floresta. Ia para o cinema. É o almofadinha [trecho ilegível]. Não tem um defeito [trecho ilegível] simplesmente para ser visto. Dá sombra? Uma esmola de sombra. Uma sombra redondinha, igual, bem certa e medida que mais parece soneto. Sombra para quem anda depressa. Para quem não precisa. Para quem anda na rua, no negócio, esperando bonde, comprando o jornal, acendendo o charuto. Árvore para pouco serviço. Com horas marcadas. É destinada aos momentos de trabalho. Vive, logicamente, nas ruas onde sua ausência, notada em beleza, não o seria em utilidade. Petrópolis, Tyrol, com largas avenidas, parco e mal batido piso, cheios de sol e de poeira, distanciadas do meio comercial e rumoroso, pedem árvores de sombra, compridas áleas de árvores robustas e boas, refrescando o olhar com o verde untuoso dos frondes.

E com raríssimas e cerimoniosas visitas do aparador armado de tesourão afiado.

A existente arborização do Tyrol mereceu frases de carinho de gente de palmo e meio. Estava dentro do clima. Dentro do imperativo categórico do bom senso. Ladear a avenida “Jundiaí” com a dupla fieira de “ficus” não a tornará apresentável nem linda. Ficará chistosa, arrumadinha, catita, como diria o dr. Benjamim Aristides.

6. Poesia daqui mesmo... -

A Imprensa, Natal, 21 ago. 1927

Com os poemas *Tyrol, Alecrim, Refoles e Siá Roccas* a poetisa Palmyra Wanderley alarmou o rebanho *aqui-me vou sim-senhor* dos remanescentes passadistas. Passadistas não quer dizer – velha fórmula de fazer versos, mas, maneira antediluviana de escrevê-los, expressá-los, divulgá-los. Foi para mim um encanto notar a surpresa desconsolada, o pavor serôdio, a tartamudeação arcaica dos nossos últimos abencerragens lírico-perórbicos. Todo um mundozinho velho e bolorento de cismas e luas pregados em céus obedientes às rimas, todo o arrátel material e pesado de sensibilidades falsas e de culturas às avessas, virou passo e pingou a reticência amedrontada...

Pela primeira vez nestes últimos anos alguém *sentiu* poesia daqui mesmo. A poetisa deixou todos os pássaros do estrangeiro, todas as flores de estufa, todos os tipos de livro e olhou a paisagem ambiente. É por isto que os seus poemas se desdobram num ciclo de acolhida simpatia e aclamadora.

Seu próximo livro, *Roseira Brava*, merece uma leitura cuidadosa e um registro seguro e leal. A poetisa é de mentalidade alta e com licença da palavra, a primeira inteligência feminina no campo literário de meu Estado. Para caracterizar sua vibrante personalidade bastaria a atitude de descrever Tyrol e não o subjugar num soneto bem bonitinho. Este registro quer deixar bem claro que a poetisa não parou em sua evolução. Continua serena e linda, em lenta aspiral luminosa...

Tenho muito que dizer da obra poética de D. Palmira Wanderley. Ela pode ser cotejada com qualquer poetisa do Brasil. Não tendo estímulos nem as trombetas das revistas ilustradas, a jovem poetisa de meu Estado se impõe, clara e nitidamente, pelo direito incontestável do espírito.

Jorge Fernandes e D. Palmyra Wanderley são os dois “casos” mais brilhantes e típicos que eu conheço no Rio G. do Norte desde 1900. Podem e devem ser discutidos. É impossível ser se indiferente a eles.

Jorge apareceu inopinadamente. A sua poética surgiu-lhe em plena razão, num impulso inconsciente e irreprimível de tensão inteira. É um talento de rara intuição maravilhosa. Realiza, distraído, o que se faz em Paris, Roma, Londres, Buenos Aires, à

custa de técnica e de observação. Clareia, instintivamente, rápido e fugaz, nos altos do pensamento, como um relâmpago...

Dona Palmyra difere. Distingue. Raciocina. Seu verso vem do coração e passa pelos olhos. Seus dedos afunilados trabalham, compõem, estilizam a feição exterior de seus poemas. Segue o lema de Goeth – *sem pressa e sem descanso...* E se eleva sempre, tranqüila, recatada, perene de inspiração, como um fio de incenso, num obstinado e contínuo alar, vivo e sonoro como nota musical, envolvente como um perfume distante e forte, o perfume selvagem das roseiras bravas.

7. Sobre arte moderna –***A República, Natal, 03 mar. 1928***

Daqui a três anos ter-se-á a primeira década do movimento chamado “Arte Moderna”. Começou em São Paulo, na semana gostosa em que a vaia consagrou os capitães-mores da bandeira e, dois meses depois, estava em todo o Brasil. Nem Carlos Prestes tem sido discutido como o movimento. E nenhum, desde 1500, interessou tanto a aliados e adversos. O futuro cronista da Arte Moderna será incapaz de catalogar os milhares de livros adesistas e os vistosos rodapés do fogo-vivo, respostando. As inúmeras tendências dos Modernos, seus truques e preferências intelectuais, seus processos próprios e características têm sido assombro de muita gente boa. Querem, na velha mania de classificar, um rótulo e uma denominação para a escola.

A raiva maior é a disparidade entre uns e outros figurões do credo. Não podem meter Oswald de Andrade na bitola de Menotti Del Picchia. Mário de Andrade em Ribeiro Couto. Plínio Salgado para o lado de Sérgio Milliet, Ronald e Guilherme de Almeida, Couto de Barros e Cassiano Ricardo. A música de Villa Lobos e o “integralismo cósmico” de mestre Graça Aranha... Cada homem desses possui figura intensa e sua. Tem maneiras diversas. E, de mais a mais, outra sensibilidade.

O elemento caracterizador é o nacionalismo brasileiro, fundo de cena comum. A vitória está sendo a lenta formação duma mentalidade nova. Viva. Original. Marcada ousadamente de tiques e macacoas brasileiras. Para este resultado os caminhos diferem. Em Ronald, é cerebral e selecionador, depurado e sutil (*Epigrammas, Toda América, Ensaios*); Em Guilherme, é o lado pitoresco que o estimula (*Meu, Raça*, o “espírito” das *Canções Gregas*); Em Mário é o primitivismo, o tema puro na tentativa de fixar a verdadeira imagem-emoção-brasileira (*Losango cáqui, Paulicéia desvairada, Clã do jabuti*); Em Oswald... Oswald se anota, observa-se. E vai registrando as curiosidades (*Memórias de J. Miramar e Os condenados, Estrela de Absintho e Caderno de poesia*); Em Graça Aranha, ver-se-á que existe em sua filosofia amável a condenação ao nacionalismo que é a essência do próprio movimento (*Esthetica da Vida e Arte Moderna*). Menotti Del Picchia é sensorial (*kaleidoscópio*). Sua obra aritmética vive pela continuada vibração do seu verbalismo. Os últimos livros desses todos estão separados virtualmente. *Chuva de Pedra* e *Clã do jabuti* têm um oceano de permeio. Em São Paulo não há, nunca houve, campo-mestre dirigindo coisa alguma. A grande

finalidade é libertar o criador da influência despersonalizadora do mestre. Que mestre? Todos. Qualquer nome e depois qualquer. Por uns raros pontos de contacto três ou quatro nomes se reúnem mais ou menos espiritualmente. Vê-se, em São Paulo, que Plínio, Cassiano, Menotti, Bopp são “mais” literários que Mário, Oswald, Milliet, Alcântara etc. Uns escrevem pensando, os outros, às avessas, pensam escrevendo. Cassiano é para ler, Mário é para ser entendido.

O grupo do Rio é doutro estofo. Tem outra diretriz. O grupo, ou melhor, os grupos, guardam programas e ritmos pessoais de ação.

Manuel Bandeira é sozinho. Sergio Buarque, Prudentinho (neto do Prudentão). Affonso Arinos Sobrinho tem seu mundo.

Murillo Araújo, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Adelino Magalhães construíram seu hinterland espiritualista. Ronald e Graça Aranha, ocidentalmente, em elipses prováveis, voam algum tempo ao lado doutros nomes. Para compreender a vaga linha geral destes ajuntamentos lê-se a *Klaxon* paulista e a *Esthetica e Festa* cariocas. Reunidos, entretanto, qualquer um destes rapazes é pessoalmente responsável pelas suas ideias, técnica, crítica e molde de compreender os valores mentais do tempo. E cada um possui mentalidade e fisionomia intelectual diversificada e profunda. Os do Rio mais especulativos, mais afeitos a explicar e ler que o pintor e ganhar aluno. Mais amigos dos Q. E. D. dos críticos e dos versos sínteses. Os de São Paulo são fiéis ao pictorismo ancestral dos barduros, do movimento, da cor, da evocação. Isto no próprio Mário, o homem mais anti-intelectual do Brasil.

Minas Gerais é fruto paulista. Rio G. do Sul se filia meio ao Rio meio a São Paulo, e a outra na parte de Cassiano, Plínio, Bopp, etc. E cada estado construiu a sua Arte Moderna. Recife tem Ascenso Ferreira. Natal tem Jorge Fernandes... E todos dessemelhantes.

Vem daí a feição interessante da crítica brasileira (*modus in rebus*, amem) pretender sistematizar, codificar, catalogar, com letreirinho na testa e ficha de antropometria mental, os menos parecidos, os mais diversos temperamentos artísticos do Brasil. Eles se reúnem sob uma denominação.

A vaga denominação amplíssima de Arte Moderna. Pela multidão de ervas não perde a salada o lugar no cardápio. Nem a dessemelhança de flores muda nome ao ramallete. Esta imagem é clássica.

Tenho dito.

8. Eu não temo a mocidade -

A República, Natal, 07 jun. 1928

RESPONDENDO ao discurso do sr. Joaquim Ignácio, O Presidente Juvenal Lamartine teve este feliz período de coragem e de verdade – “Eu não temo a mocidade. Ao contrário, nela me revejo e me orgulho como os pais nos filhos, porque será ela quem continuará o meu trabalho e as minhas ideias. Da mocidade me aproximo e a encorajo e estímulo. Nela confio porque as minhas ideias são votadas à grandeza da terra comum”.

Eu saí, depois da posse, com dois rapazes. Um, negociante, insinuante, vitorioso. Outro advogado, vibrante, sacudido por todos os ventos do civismo, destemeroso e culto. O auto era guiado ora por um ora por outro. Não se notava diferença de direção. Rodava macio, igual, veloz. As palavras do sr. Juvenal Lamartine estavam teimando nos meus ouvidos.

– Eu não temo a mocidade. A mocidade é para temer-se? Que influência social e política terá a Mocidade dispersa do Rio Grande do Norte? Nem partidos, nem jornais, nem sociedade, nem grêmios de aproximação. Entretanto esta força é ponderável, existente, palpável. O presidente não a teme porque se identificou com ela. A solidariedade deste governo aos Novos não é meramente retórica, fase bonita de mensagem e fala de sobremesa. Um presidente que guia automóvel, viaja de avião, discute literatura, dirige politicamente a campanha do Feminismo Brasileiro é pouco parecido com as figuras hirtas e que quatrienalmente recebem ditirambos nos Estados. Numa cidade onde o Palácio não tem baionetas, nem os chefes de serviço são invisíveis o ritmo deve ser, incontestavelmente, outro. Quando o sr. Juvenal Lamartine assumiu a Presidência do Estado todos os seus auxiliares eram solteiros. Inda hoje, metade, continua disponível.

A impressão comumente vista por quem viaja e demora em Natal é de vida clara, de movimento, de juventude. Aqui não há hora marcada para conferência, esquadrão seguindo carros, ordenanças sonolentas esperando autoridades. A cidade surge como por um milagre do trabalho assíduo. É uma surpresa o encanto das avenidas, o rendilhado das gramas, o aspecto juvenil duma terra desperta. Tudo isso é campanha de Novos. É quebra de rotina, de usos, de tradições existentes nas memórias e nos relatórios mas ilógicos no dia presente. Nas semanas em que Rodrigues Alves foi esperado para empossar-se, um jornal descobriu que a soma das idades dos ministros e

do futuro Presidente dava quase cinco séculos. Não é esta a ancianidade veneranda fator regressivo. A experiência, análise dos fatos, a observação, a serenidade, vêm da vida que se prolongou. São conhecimentos que pedem ao tempo, como frutos, a cor e a beleza da maturidade.

O pior velho é o velho-mental. É o homem que arrasta a sua ideia nascida sob regime pretérito, com o esforço guinchante com que os bois desatolam os carros emperrados na lama. Martim Francisco morreu aos setenta anos e nunca deixou de ser um moço. Moço como Assis Brasil e Graça Aranha. A circunspeção e a lenta gravidade pomposa encobrem quase sempre cérebros vazios e sujos como palomares abandonados.

Um presidente que viaja de avião dispensa as ideias que se tardigram montadas em jabutis.

O plano do sr. Juvenal Lamartine requer uma continuação das atividades que se solidarizam na mesma direção administrativa. O menor hiato nesta tarefa desmoronará a organização custosa e forte dum verdadeiro lastreamento econômico do Estado. Não é um só homem, num espaço de quatro anos, que fará surgir, sem a lâmpada de Aladino ou a vara de condão de Parizade, a usinificação de vales açucareiros, a criação em campos delimitados, a policultura que nos livre das premências de depender dos mercados próximos, as novas produções de fumo, café e cacau em terras que esperam, humildes dadivosas, a esmola da semente para o juro fabuloso das colheitas, a campanha sem tréguas ao analfabeto, a luta pela conservação deste ambiente refratário às expressões brutas do cangaceirismo, a construção de outros departamentos técnicos, de edifícios oficiais, regulamentação de serviços. Não é, pois sinônimo de governar o ato de pagar funcionários e assinar expedientes. Inda é de esperar o inesperado. Todos estes projetos que estão vivendo a sério, no espírito jovem do sr. Juvenal Lamartine, pedem o apoio coletivo, a simpatia estimuladora, o carinho animador do Povo para cujo bem-estar e melhoria serão feitos. Os aspectos deste problema complexo se entrefecham na síntese do Estado. Econômico. Com sua realização é que a multiplicidade dos planos decorrentes objetivarão seguramente.

Para conseguir o máximo no mínimo de tempo o sr. Juvenal Lamartine ambiou sua administração de elementos jovens. Pode ele pedir as reservas desta energia renovadora e sadia. Pode carecer e assistir o desdobramento destas capacidades que o desânimo e a desesperança não enodoaram de pessimismo. Derredor agrupam-se

homens para quem o expediente de suas repartições independem dos ponteiros burocráticos e dos livros de ponto.

O sr. Juvenal Lamartine, agricultor e fazendeiro, teve sempre por lema que o descanso é mudar de trabalho. E se fatiga, terrivelmente, tendo pouco que fazer. Na gênese das administrações como na gênese do mundo, o governo cria os seus auxiliares à sua imagem e semelhança. O presidente podia cercar-se de moços e governar arcaicamente. A sensação da mocidade que ora sentimos é irradiante da vida social do Estado. Para melhor cotejo bastará ir-se a um outro Estado e sentir-se a mudança literal dos costumes, dos usos e da própria mentalidade ambientadora.

O sr. Victor Konder disse que Natal era o Cais da Europa.

Façamos valer a frase do Ministro da Aviação. Cais da Europa, com dinamismo dos guindastes, dos carros, do povo, os pregões, os gritos, a floresta dos mastros imóveis, o dorso do rio coberto pelo bojo dos navios e a estrela de Belém do nosso brasão citadino, fulgindo, como uma nota de clarim, vibrante e animadora.

“Eu não temo a mocidade”, falou o sr. Juvenal Lamartine. De certo. Não se teme aliados e companheiros. Por que havia de temer se está realizando o programa inconsciente que todos os Novos sonhavam construir?

9. Fabião das Queimadas -

A República, Natal, 02 ago. 1928, p. 1 e 2

Baixo, preto baço, desse negrume espesso dos opilados, calvo, pernas em parêntese, grotesco, caviloso, mãos enormes, um riso parado nos lábios murchos de sexagenário, andar balançado e tardio, voz rouca, esganiçada nos agudos, cara chata de chimpanzé cismarento, inesquecivelmente simpático, tal era Hermenegildo, escravo de José Ferreira da Rocha de quem usou o nome. Com trinta anos pagou oitocentos mil réis pela sua alforria. Mais quinhentos pela sua mãe e a sobrinha Joaquina com quem casou. Quinze filhos. Inúmeros netos.

Morreu aos setenta e oito anos e com seis ou oito dos trinta e dois dentes que a natureza o brindou em 1850.

Quando me apareceu, arriou o chapéu de couro no mosaico do hall e sentou-se, calado e passeando o olho curioso pela sala. Ao primeiro pedido, tirou a rabeça dum saco. Colocou-a no peito à velha maneira dos troubadours. Arranhou notas ásperas. E cantou.

Comecei a vadiar
Derna de pequenininho
Fabião quando diverte
Diz “alegria os passarinhos”
Morrendo o Fabião velho
Fica o Fabiãozinho

Timidez atávica da raça opressa e subjugada por três séculos de chicote e feitor. As figuras vinham lentas. Poesia bárbara, sem paisagem como as canções de gesta, vivo ritmo nas colcheias de octossílabos acesos, imaginação selvagem e brutal, mnemônica, registrando, automático, o ciclo visível da vida sertaneja. Não contou batalhas nem teve desafios ruidosos. Mais íntimo, mais meigamente nosso, Fabião foi o cronista das vaquejadas, herança bravia das arrancadas doidas furando o marmeleiro embastido. Cantou a pega dos touros, amansa de poldro escoicinhantes e ferozes, ferra de bicho bruto depois da carreira incrível dos parelheiros. Orgulhoso de seu título. Tosca sinceridade dos bons. Genealogia incisiva, numa síntese oportuna.

Minha mãe se chama Tonha
Meu avô chama-se João

Mau pai se chama Vicente
Eu me chamo Fabião
Negro de folgar bonito
Quando se mete em função

O aedo rude da “apartação no Potengy Pequeno”, o poeta do “Boi Piranha” e da “Besta de Joana Gomes” era o lírico espontâneo desta quadra.

A minha alma de velho
Vive agora renovada
Que a Paixão é como Sommo
Chega sem ser esperada...

Em seu poema “Apartação no Potengy Pequeno” expõe o mecanismo da imaginativa sertaneja. Descreve a vaquejada. Como o objeto de mais interesse fora um touro [ilegível], azulado, afoito, vez por outra, esquecido de sua impassível atitude de notador, Fabião falava por ele, satirizava vaqueiros e cavalos. Alma errante das cousas insonoras, revivia no seu estro ingênuo e forte. Enumera os cavalos corredores e a valentia de seus donos.

E tinha cavalos bons
Ali nesta apartação
Veneno da Serra Azul
Castanho da Divisão
O *Medalha* do Satyro
E o *Pedrez* do Sertão

E o novilho sem a humilhação da derruba no pátio, manda lembranças a cavalos e cavaleiros.

Dêem lembranças a cavalo
Veneno da Serra Azul.

Ou

Lembranças ao cavalo velho
Castanha da Divisão

Aos montadores infelizes.

O que foi cavalos bons

Todos correram a mim
Porem não teve nenhum
Que me quebrasse o cupim
Eu não fui com o lombo ao chão
Nem amassei o capim.

A certeza do nome inestimável erguia-o, alto.

Estava também Fabião
Que é poeta glosador.

Esteve homens ilustrados
Doutores e capitão
Onde estava eu vigário
Junto com o sacristão
Porem nenhum deles faz
O que faz o Fabião!

Pobre Fabião das Queimadas, derradeiro cantador do sertão, do agreste, último fidalgo desta extinta raça de vates valores e naturais, não é este o teu tempo e tua época. Passaste como os motivos simples de tua poética impulsiva e doce. Tu poderias cantar, na despedida dos homens que não mais te [ilegível] cantar sem voz, eco das vozes múltiplas do Passado em face à terra sem vaquejadas e sem aboios dolentes, que plantios devoram tua paisagem hirta de cardeiros [ilegível] e juremas cheirosas, a toada melancólica com que teu “Boi-Mão-de-Pau” vencido e morto.

Adeus lagoa dos velhos
E lagoa do Jucá,
E Serra de Joana Gomes
E riacho do Gira
Adeus, até outro mundo
Nunca mais virei por cá!

Adeus cacimba do Salgado
E poço do Caldeirão,
Adeus lagoa da Pedra,
E serra do boqueirão
Digam a Deus que vai se embora
O Boi da algema na mão!

Já morreu! Já se acabou
Está fechada a questão.
Foi-se embora desta terra
O dito Boi Valentão
P’ra correr só Mão-de-Pau
P’ra versos só Fabião.

Assim tua cantiga se evolará do rincão anônimo em que saíste, última voz
humilde da raça na sombra triste das taperas.

10. Cidade do Natal do Rio Grande - *Revista de antropofagia*, São Paulo, ano I, n. 4, p. 3, ago. 1929

35000 patriotas. Fundada em 1599. Nasceu Cidade como filho de Rei é príncipe. Padroeira: Nossa Senhora da Apresentação que veio dentro dum caixote, lento e manso pelo rio. Século XVIII. Tem um rio e tem o mar. Campo da Latecoere. Tennis. Cinemas. Autos. Cinco farmácias. Bispado. Dois jornais diários. As mulheres votam. O presidente guia automóveis e viaja de avião. O secretário mais velho roda os quarenta anos. Sal de Macau. Algodão do Seridó. Cera de carnaúba. Couros. Açúcar de quatro vales largos e verdes. Boiadeiro histórico que em 1799 mandava dezesseis mil cabeças para Pernambuco. Instituto Histórico. Escola Doméstica número um no Brasil. Aero-Club-de-Natal com dois aviões e seis campos no sertão. Grupo-Escolar, grupo-escolar, grupo-escolar. Todo sertão se estorce no polvo das rodovias. O pneu amassa o chão vermelho dos comboios lerdos, langues, lindos. Poetas. Poetisas. Cronistas elegantes. Avenidas abertas para todos os ventos. Sem escuros. Nem buracões sorrentos de espanta-guri. Árvores aparadinhas estilo Nuremberg. Ruas calçadas, macias no escorrego das descidas. Raros-raros “mi dê umesmola”. Associações de caridade. Meia grossa de grupos de futebol. Não há Rotary-Club, nem Automovel-Club, nem Street-Club. Radiomania.

– É o que lhe digo. Peguei os discursos de propaganda do Hoover.

– O que está me dizendo?...

Morros, areias, orós, mangues, ciris e aratus grudados nas pedras. Pescaria em bote com terra encoberta. Três botes destes foram ao Rio. Centros operários. Discursos relatórios. Batalhão do Exército. Item da Polícia. Música aos domingos nos jardins com auto-giros perenes de soldados e criadas e vice-versa. Sorvete, pirulito, folhado. Uma livraria e duas casas de livros.

– Já chegou o último livro de Ardel?

– Não senhora. Temos aqui agora o grande Marden.

Na há revista nem Academia de Letras. Cidade pintada de sol com uma alegria de domingo. Jornais do Rio. Política. Simpatias furiosas aos Prestes Júlio e Luís Carlos.

– Você vai ver a saída de Minas...

– Nem peleje...

Notícias de trinta horas, via asa do Laté. Sábados monótonos com cinza triste de nada – fazer. Feijoadas heróicas. Pescaria de covó. À noite, pesca de aratu com facho, nas praias longes de Areia Preta. Cajueiros. Coqueiros. Mongubeiras. Bailes do Natal-Club. “É favor entregar esta sobrecarta na entrada”. “Toilette preta”. Janeiro. Festa dos Santos-Reis. Congos com puítas e ganzás roucos e surdeadores.

“Acorda quem está dormindo
Na serena madrugada
Venhão ver o Rei de Congos
General de nossa Armada”.

Dezembro. Lapinhas e Pastoris com músicas de cem anos teimosos e recordadores.

A remígio bate o gallo
Soltando a voz maviosa.

Bois. Bumba-Meu-Boi pedindo cinco dedos para riscar em papel aquelas toadas maravilhosas. Novembro. Festa da Padroeira. Irmandade dos Passos, solemnissima. Confederação Católica. Escola de Commercio. Atheneu. Colégio Pedro II. Luar impassivelmente romântico. Serenatas. Violões gementes assanhando pruridos nostálgicos.

Noites nunca hei de ter como já tive na escuridão polar de teu cabelo.

Bó-nito! Grog à frio. Magestic, Anaximandro, Cova da Onça. Riscos de navalha rombuda.

– Nem me fale! Pois este Jorge não escreveu dizendo que dava a certidão de nascimento de Dom Antonio Fellipe Camarão por cinco mil pés de laranjas da Bahia?

Avenida Tavares de Lyra. Cafés prosa estirada a café manhoso.

– Gostei de teu artigo!

– Qual?...

– Homem, francamente... aquele... eu sei que li... não estou bem lembrado... aquele...

Bonds. Auto-Omnibus subindo. Pregões. Para oeste olhos compridos namorando possibilidades de chuveiros. Por cima das casas zunzeiam, ronronantes e zonzos, motores roncando no caminho sem rastos dos aviões.

(NATAL)

11. José Augusto -

A República, Natal, 04 out. 1929

Fiquei esperando que acabasse o rumor de festa para falar de José Augusto agora “ad immortalitatem” num busto de bronze numa praça de Caicó, a cidade tradição.

José Augusto foi entre nós um professor de alegria. Quando veio assumir a presidência recebeu uma das mais vastas manifestações de solidariedade de que há notícia. Houve em todo Estado um movimento de simpatia tão viva e comovedora que dir-se-ia ter o presidente saído duma luta política e não do aplauso coletivo das correntes partidárias. A sua popularidade é dogma.

José Augusto, sertanejo de Caicó, despersonalizou o sertão. Debalde gente graduada a regionalismo de gaveta pretendia dá-lo como expressão duma Victoria local. José Augusto era uma Victoria de mocidade, de ideal, de otimismo.

Duas gerações viram-no ensinando história e dirigindo o Atheneu. Quando veio dirigir o Estado onde fizera uma carreira rápida e luminosa, encontrou seus discípulos bacharéis e já sisudos, fingindo amor às doutrinas deste materialismo econômico dado como coeficiente-explicador de civilização. José Augusto começou outra fase de ensino. Desta vez o “short course” estava aplicado na massa viva de meio milhão de homens. O contato entre esse homem novo, vindo da mais formosa das batalhas parlamentares travadas no Brasil, sagrado líder para um dos cargos mais disputados na Câmara; sendo em síntese positiva apenas um deputado “approche” com o novo que vinha governar causou uma surpresa de encanto.

O Rio Grande do Norte é tradicionalmente o Estado onde o presidente é o primeiro cidadão. Primeiro na acepção democrática do encontro fácil, da procura amável, desta incrível democracia que desnorteia quem haja conhecido terra de fora. Nós não toleraríamos um presidente com esquadrão acompanhando o auto de luxo. Só nos habituamos a ver o supremo magistrado do Rio Grande do Norte num cidadão simples e cumprimentador, encontrável em qualquer parte e possuindo a memória de chamar a todos pelo nome próprio sem engano possível.

Vivendo neste ambiente, nós não calculamos os inconvenientes do sistema. Vimos apenas o lado democrático, o lado lisonjeiro deste hábito que é um fardo de várias toneladas para um homem mediamente ocupado.

José Augusto acabou com a clássica “Modinha do Palácio” instituição respeitável que Antonio de Souza ferira de morte. José Augusto substituiu a “roda” por

uma engrenagem mais complicada. Levou Zé Povo a saber, entender e discutir política. Chefe com uma mocidade vibrátil, José Augusto foi mártir quatrienal das festas e dos discursos. Aproveitou este tempo para espalhar uma das mais seguras e invisíveis campanhas de civismo de que temos lembrança. A grandeza da técnica estava justamente em ninguém perceber. Ou quase ninguém atinar com aqueles discursos acesos e claros faiscentes de entusiasmo que infalivelmente transformavam o cenário em manifestação de patriotismo estalante.

Depois levou a todo o sertão a figura do presidente. O sertão perdeu a ideia vagamente hierárquica e ritual do “governador” que julgara sentado num trono, entre soldados hirtos e fardas rebrilhantes de ouro.

José Augusto acabou esta tradição. Para equilíbrio, criou no “hinterland” do Estado a noção profunda da justiça. Já não estará ela como dependência dos chefes. Fica doravante mais fácil. O presidente está no palácio para “servir”. Servir ao povo. Os presidentes têm esta intenção e esta sinceridade. Não conseguiram dar a impressão deste sentimento. José Augusto só pôde fazer porque foi o mais “globe trotes” dos presidentes do Rio Grande do Norte.

Banalizou o papel de presidente no conceito de aproximação. A viagem dum presidente sempre fora um motivo um pouco sobrenatural para o juízo dos municípios. Enfeitava-se a rua de folha de coqueiro, havia o discurso do professor do grupo, a saudação do vigário e o jantar na Casa da Câmara onde o “chefe” lia um papel laboriosamente fabricado. José Augusto acabou a era dos discursos da chegada. Isto é: atacou. O presidente Juvenal Lamartine é que está fazendo esta obra de misericórdia e de bom gosto.

Caicó nunca pode ver em José Augusto senão um caicoense. Compreendemos esse orgulho desculpável. Dera o primeiro presidente sertanejo. Esperara cem anos. O busto inda é um corolário regional. Significa toda a alegria coletiva na vitória do filho.

José Augusto não ficou como um padrão de patriotismo regional. Nunca a cidade de Natal fora trabalhada com mais afínco e carinho. Um polvo de rodovias tentaculizou os municípios. As famílias tradicionais desceram para o litoral, construindo residências, fixadas em cercanias da cidade. Atividades legitimamente sertanejas vieram trabalhar em Natal. José Augusto presidiu este movimento de escoamento e de litoralização do Seridó. Os pneumáticos do seu automóvel puseram abaixo o muro regionalisticamente erguido depois da Serra do Doutor.

José Augusto tem contra si o efeito suspeitíssimo da contemporaneidade. Nenhum juízo pode ser definitivo. Há uma lógica explicação de amizades e ódios. Creio que ele poderá esperar a justiça futura. O quadro será possivelmente atenuado, mas a linha geral e a cor verdadeira ficarão. Quem viver verá.